2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 41. QUINTA FEIRA, 18 DE JULHO DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

CATHECISMO RURAL.

Com o numero 30 do mui acreditado e util jornal, o *Agricultor Michaelense*, recebemos o programma para o premio offerecido a um cathecismo rural.

Mais de uma vez, temos tributado a nossa admiração e louvor, ao zelo e obras, da tão benemerita Associação Promotora da Agricultura Michaelense.

Mui poucas associações do continente poderão apresentar a historia de existencia tão prestadía e honrosa, como essa associação, fundada e desenvolvida, só com a inspiração do amor da patria, e das verdadeiras necessidades do paiz.

Com prazer damos publicidade ao programma, a que nos referimos, e o appresentamos como exemplo que deve ser saudado e seguido pelas associações do reino, e pelos municipios agricolas.

O programma é como se segue: —

614 1.º A Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense conferirá em Janeiro de 1852, (ou mais tarde se até ao praso estabelecido não houver concorrencia) um premio de 150$000 rs., moeda insulana, ao Auctor do Cathecismo de Agricultura proprio para ser ensinado nas Escholas Primarias da Ilha de S. Miguel, que, por um Jury para o seu exame nomeado, fôr julgado melhor.

2.º Será conferida uma medalha de prata ao Auctor do Cathecismo que se julgar immediato em merecimento.

3.º A Sociedade não fica sujeita a conferir os premios, se nenhum dos concorrentes fôr delles merecedor.

4.º O manuscripto premiado em primeiro logar torna-se propriedade da Sociedade; permitte-se porém ao Auctor que imprima delles quantos exemplares quizer.

5.º Seria muito para desejar que na confecção do Cathecismo os Auctores se aproximassem quanto possivel das seguintes indicações.

I. No Cathecismo devem comprehender-se succintamente noções elementares de todos os ramos de Agricultura, incluindo noticias de economia rural, veterinaria commum, especialmente com relação ás molestias que predominam em S. Miguel, rudimentos de medição de terrenos, etc. etc.

II. Na discripção de culturas preferir sempre, e mesmo com exclusão de outras, as communs e geraes de S. Miguel, aproveitando a occasião de mostrar os os vicios do cultivo, havendo-os, e os meios de os melhorar.

III Deverão lembrar-se que escrevem para creanças de seis para nove annos, e por consequencia, dos principios scientificos ministrar-lhes-hão sómente os indispensaveis, e que estiverem ao alcance de sua apoucada comprehensão. Pelo mesmo motivo deverão eliminar dos seus tractados tudo o que não tôr elementar, positivo, e indispensavel, e deverão substituir as praticas sãs a dissertações theoricas. O util sobre tudo.

IV. Uma das principaes bellezas e conveniencias do Cathecismo será retratar a côr, e contemplar todos os interesses da localidade para que é composto. Neste sentido seria bom modello *(mutatis mutandis)* o Cathecismo de Agricultura de Royer.

V. O methodo de perguntas e respostas, com annotações para os proprios professores, como é escripto o Cathecismo de Geologia e Chimica Agricola de Johnston seria conveniente.

VI. O estylo deve ser puro e vernaculo, porém, fluido e clarissimo.

VII. Quaesquer factos ou noticias que se apresentem, devem ser antes fundados na propria experiencia e observação, do que em referencia a livros, e paizes estrangeiros.

VIII. Os termos technicos da nossa lingua, e especialmente os da nossa provincia devem ser preferidos, dando-se aos de uso não commum, ou de difficil intelligencia, a conveniente definição, ou n'um vocabulario, ou em notas, ou no proprio texto.

6.º Os concorrentes deverão enviar os seus escri-

ptos ao Presidente da Sociedade, e juntamente o seu nome n'uma carta cerrada, com uma divisa ou mote no sobrescripto.

7.° A carta que contiver o nome do Auctor, e o escripto correspondente, serão numerados com o mesmo algarismo.

8.° Depois do Jury adjudicar o premio será aberto, perante a Direcção da Sociedade, e o Jury, o sobrescripto que contiver o nome.

9.° Todos os escriptos não premiados serão entregues aos Auctores, declarando qual o seu mote ou divisa.

CULTURA HYBERNAL DA BATATA.

615 À vista dos estragos que soffreu a batata em as regiões do norte da Europa, os inglezes trataram de salval-a, por meio da cultura no inverno, da enfermidade gangrenosa que acommette ha annos esta planta utilissima; e os ensaios que os horticultores francezes tem feito não deixam a menor duvida quanto á proficuidade do remedio.

O methodo consiste em plantar os tuberculos no outono, sendo preferivel, ao que se mostra de algumas experiencias, a segunda quinzena de novembro; e enterrando-os bastante fundo para que não possam prejudica-los as geadas. A profundidade deve ser maior nos terrenos humidos e argilosos; podendo enterralos a 25 pollegadas de fundo, se o torrão não for extremamente duro, pois nesse caso não nasceriam as plantas.

ESTADO DA INSTRUCÇÃO PRIMARIA NO CONCELHO DE ALPEDRINHA NO ANNO LECTIVO DE 1848—1849.

616 Ha neste concelho, ao presente, cinco escholas de Instrucção Primaria (do primeiro gráu), collocadas em Alpedrinha, Valle de Prazeres (em edificio publico), Lardosa, Castello Novo (em edificio publico) e Soalheira; eliminamos porém do quadro esta ultima, para os nossos calculos, porque, estando em exercicio ha pouco tempo, ainda se não pódem avaliar as suas vantagens em um espaço determinado.

Foram frequentadas no anno lectivo findo por oitenta e sete alumnos, distribuidos pela maneira que indica o mappa n.° 1.

Ora tendo este concelho 7:152 habitantes, segundo os ultimos trabalhos estatisticos (mappa n.° 2); a proporção dos alumnos com a população total é, approximadamente, como um para oitenta e dois.

Daqui se póde inferir quão decadente é o estado de cultura intellectual neste pequeno tracto do territorio portuguez, ainda mesmo comparando o numero de alumnos com o de individuos de 7 a 15 annos em circumstancias de frequentar as escholas.

A despeza total da Instrucção Primaria monta por anno a 440$000 réis, pagos pelo cofre do Estado, e do municipio; conseguintemente gastou-se esta enorme quantia com 87 alumnos; por outra, ficou a despeza de cada alumno por 5$058 réis annuaes!

Esta despeza é extraordinaria, absolutamente fallando, mas em relação a outros paizes, onde aliás são maiores os lucros dos professores, é exorbitante. Na França, Inglaterra, Allemanha, etc. a despeza annual de cada alumno é cinco ou seis vezes menor do que neste concelho.

É pois evidente que o numero de alumnos, que frequentaram as escholas, foi limitadissimo.

Duas são, principalmente, as causas deste mal: pobreza, e ignorancia.

Os paes de familias indigentes, não ousam dispensar seus filhos do serviço, que lhes prestam em varios mesteres; o tempo, que gastassem nas escholas, equivaleria a um desfalque nos seus interesses.

As vantagens da Instrucção Primaria são tambem mal apreciadas pelo povo rustico. É mui commum nas pessoas do campo ufanarem-se de não saberem ler nem escrever, reputando estas prendas inuteis, ou prejudiciaes; alguns paes ha, que não querem que seus filhos aprendam a ler e escrever, para que, de futuro, não sejam incommodados para regedores, juizes eleitos, jurados, etc.

Os auctores do decreto de 20 de Setembro de 1844, que ainda hoje regula a Instrucção, para favorecer a frequencia das escholas, comminaram a pena de suspensão do exercicio dos direitos politicos aos cidadãos, que por qualquer modo a impedissem (Art. 36, 37 (1).

Supposeram, que o exercicio dos direitos politicos era entre nós, como em outras nações, uma prerogativa muito apreciada. Enganaram-se, permitta-se-nos o dizel-o; sómente rogados, e instados é que vem ás eleições os povos deste concelho. E não acontece isto unicamente em Alpedrinha; existem documentos officiaes, que mostram não se terem podido constituir mesas preparatorias por falta de eleitores em povoações de maior vulto e importancia do que esta villa.

Em nossa opinião o remedio mais efficaz para obviar á continuação deste mal é encarregar a Instrucção Primaria nas freguezias ruraes aos parocos respectivos, educando-os previamente para tão nobre mester, e remunerando-os por este accrescimo de trabalho.

Pela influencia, que exercem sobre os povos, desbastarão melhor a sua rudesa; destruindo-lhes seus mal entendidos preconceitos.

Occupados exclusivamente no desempenho dos deveres do seu ministerio, facilmente se accommodarão ás necessidades dos alumnos, ensinando-os nas horas, que menos detrimento causarem aos paes pela cessação do trabalho.

Além disto sendo geralmente reconhecido, que não deve separar-se a educação physica e intellectual da moral e religiosa, o ministro do sanctuario, illustrado

(1) Além disto no Art. 35 determinaram, que, tres annos depois da publicação do decreto, seriam preferidos para o recrutamento do exercito e armada os individuos que não soubessem ler e escrever. Estes meios coactivos são excellentes, porém injustos, porque não são os interessados os que teem toda a culpa de sua profunda ignorancia: grande parte da responsabilidade cabe sempre, mais ou menos directamente, á auctoridade, a qual dispõe ou póde dispôr dos meios necessarios para conseguir, que nenhum cidadão chegue aos dez annos sem gozar do beneficio da Instrucção Primaria.

Para remediar, quanto fôr possivel, a incuria que se nota, além do que dizemos no texto, conviria estabelecer escholas primarias de noite, ou dominicaes, para os adultos, uma eschola em cada fabrica ou manufactura de certo numero de operarios, uma eschola primaria em cada regimento, em cada vaso de guerra, em cada carcere, etc.

como deve ser, é indubitavelmente, o sujeito mais adequado para preencher as sublimes funcções deste segundo sacerdocio.

Considerámos a Instrucção Primaria por uma das suas faces, — *frequencia das escholas*, ou *extenção da Instrucção;* é mister olhal-a por outra, — *aproveitamento dos alumnos*, ou *intensão da Instrucção.*

É doloroso ter de expôr, sobre este objecto, amargas verdades; obedecemos todavia aos dictames da nossa consciencia, revelando-as.

Os professores cumprem frouxamente seus deveres; com a irregularidade da paga das remunerações desculpam a sua negligencia.

Em verdade o estado não tem direito a exigir dos professores bom serviço, se lhes não dá em tempo conveniente o ordenado, que lhes prometteu; é um contracto bilateral, que obriga reciprocamente.

Objectar-se-ha, que a penuria do thesouro não permitte satisfazer religiosa e fielmente as obrigações do estado; mas se esta impossibilidade se reconhece, acceitem-se as suas consequencias: não se falle em melhoramentos da Instrucção. (2)

Além disto os Professores dirigem-se no ensino por mero arbitrio; não teem instrucções, que regulem a policia e disciplina das escholas (3), nem ha quem as fiscalise convenientemente. (4)

Em todas as nações da Europa ha manuaes para os mestres de meninos; em Portugal, infelizmente, ainda não se publicou este livro indispensavel, no qual devem expôr-se, além de outras noções que não mencionamos por brevidade, as materias do ensino e maneira de ensinal-as; a classificação dos alumnos; a distribuição das lições, e exercicios de Arithmetica, de Grammatica e Geographia, de Historia Sagrada e Historia Natural, por meio de estampas e objectos materiaes, etc.: finalmente os principios geraes da educação physica, da educação moral, e da educação intellectual, que se consideram mais uteis a todos os paes de familias e mestres, applicando estes principios á educação dos meninos. (5)

(2) Em circular de 30 de Agosto proximo passado, dirigida pelo governo civil de Castello-Branco aos administradores do concelho, exigiu-se um relatorio sobre o estado de administração litteraria dos respectivos concelhos com as indicações das providencias, que julgassem convenientes para o melhoramento da instrucção.

(3) O art. 39 do decreto citado diz: « As obrigações e deveres dos professores tanto na parte litteraria, como na parte moral — o desenvolvimento das regras sobre exames — sobre a policia e disciplina das escholas, em relação aos mestres, e aos discipulos, e a estatistica escholar, serão objecto de regulamentos especiaes. » — Já passaram cinco annos depois, que se publicou o decreto, e ainda nos não consta que se fizessem as instrucções, a que se refere este artigo; que os professores do concelho de Alpedrinha as não teem, affirmamol-o com toda a certesa.

(4) Incumbir aos administradores do concelho a fiscalisação das escholas é uma providencia inefficaz; porque, salvas as excepções, não julgamos estes magistrados habilitados para exercer este importante cargo, como se requer. Fôra talvez preferivel encarregar ás camaras municipaes conjunctamente com os facultativos de partido, onde os houvesse, esta superintendencia; são obvias as rasões da preferencia.

(5) Os nosses visinhos teem um excellente livro neste genero, — *Manual para los Maestros de Escuelas de Parvulos, publicado por la Sociedad encargada de propagar y mejorar la educacion del pueblo. — Madrid. En la Imprenta Nacional.* — 1840. — O Concelho Superior de Instrucção Publica, com ligeiras alterações, o podia adoptar, mandando-o traduzir. Tendo noticia de varias obras francezas, que tractam deste mesmo assumpto, nenhuma achámos tão clara e philosophica, como a que deixamos indicada. Os brasileiros adoptaram uma pessima traducção do *Curso Normal para Professores de Primeiras Letras, etc.* pelo Barão Dégerando; mas este livro, repetimos, não tem que ver, sob todos os respeitos, com o *Manual para los Maestros de Escuelas de Parvulos*, por Pablo Montesino.

Se não se pagar prompta e regularmente aos professores; se não se lhes dér instrucções claras e positivas sobre a maneira de cumprir os seus deveres; se não se definirem bem estes deveres, consignando-os em um directorio particular; se não houver, finalmente, quem superintenda os professores, visitando as eschólas em epochas indeterminadas, como antigamente se praticava; debalde se fatigarão os nossos estadistas em organisar, e promover a instrucção, ha de sempre mancar infelizmente.

Mais um reparo, e terminaremos. Ha neste concelho 3.698 pessoas do sexo feminino, e não existe uma só eschóla destinada á sua instrucção!

Esta porção do genero humano, viveiro de esposas e mães de familia, que tão grande influencia teem na sociedade, é condemnada a permanecer em perpetua ignorancia!

Alpedrinha 27 de Setembro.

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

N.º I.

Mappa do numero dos discipulos matriculados em cada aula de instrucção primaria no concelho de Alpedrinha.

FREGUEZIAS EM QUE ESTÃO COLLOCADAS AS ESCHOLAS.	NUMERO DOS DISCIPULOS MATRICULADOS NO PRINCIPIO DO PRESENTE ANNO LECTIVO.	NUMERO DOS QUE FICARAM EXISTINDO NO FIM DE AGOSTO PROXIMO FINDO.	NUMERO DOS QUE FICARAM EXISTINDO NO FIM DO ANNO LECTIVO ANTERIOR.
Alpedrinha. . . .	31	50	35
Valle de Prazeres	23	16	19
Lardoza.	19	15	17
Castello-Novo. .	14	14	18

N. B. Tanto este mappa, como o seguinte, foram copiados dos originaes, mandados ao governo civil de Castello-Branco.

N.º 2.

Mappa da população do concelho de Alpedrinha, e seu movimento relativo ao anno de 1848.

FREGUEZIAS.	N.º DE FOGOS.	N.º DOS HABITANTES.		MOVIMENTO DA POPULAÇÃO.				CAZAMENTOS.
				NASCIMENTOS.		OBITOS.		
		DO SEXO MASCULINO.	DO SEXO FEMININO.	DO SEXO MASCULINO.	DO SEXO FEMININO.	DO SEXO MASCULINO.	DO SEXO FEMININO.	
Alpedrinha.....	385	688	795	27	30	16	15	7
Castello Novo.....	208	422	435	18	15	13	10	7
Soalheira.....	235	415	450	14	9	16	20	4
Lardosa.....	296	494	518	13	18	9	12	13
Orca.....	264	523	540	19	22	9	21	6
Atalaia do Campo....	109	154	168	7	8	2	1	7
Povoa d'Atalaia.....	103	157	167	8	8	10	8	5
Valle de Prazeres....	318	600	625	21	27	29	19	8
Total.....	1918	3453	3638	127	137	104	106	57

MINAS HISPANHOLAS.

Do primeiro numero de um jornal interessante, que se começou a publicar em Hispanha no presente anno, sob o titulo de *Revista Minera*, e redigido por uma sociedade de engenheiros, tomamos os seguintes extractos relativos a algumas minas do reino visinho.

617 *Minas de ferro da Biscaia.* — As montanhas situadas entre Baracaldo e Galdacano encerram depositos ferruginosos que se dilatam n'uma extensão de mais de dois mil metros de comprimento por mil de largura pouco mais ou menos.

A exploração destas minas de Sommorrostro é subterranea, porém não foi bem dirigida. O menor numero de trabalhos fica da banda da povoação daquelle nome e acham-se praticados na parte inferior da montanha internando-se horisontalmente e outras vezes em direcção ascendente, e as aguas sahem para fóra conduzidas por galerias ou pelos canos de escoante; po-

rém do lado opposto as lavras foram abertas em grandes elevações, e conduzidas irregularmente as aguas encharcam-se em muitos sitios; taes obstaculos desappareceriam se os trabalhos fossem effectuados no fundo dos algares que cortam aquellas alcantiladas serras; e demais disso com esta mudança se conseguiria facilitar consideravelmente o transporte para a superficie, que não deixa de ser bastante embaraçoso pelos declives rapidos que tem de seguir o mineral extrahido. As unicas regras que se observam na exploração destas minas reduzem-se a seguir, taes quaes se appresentam, os veios de mineral mais puros e brandos, que se reputam mais adequados ao consumo das forjas catalãas, abandonando-se os outros, muito mais abundantes e que teriam optima applicação nos fornos altos. Sobre estes veios ou betas se praticam a pique, e sem escora de casta alguma, galerias e excavações para a extracção, ou horisontaes ou inclinadas, e do modo mais conveniente para obter a maior quantidade possivel de mineral. Quando as aguas chegam a occupar os sitios fundos, os operarios os abandonam para trabalharem n'outros em maior altura. Tambem mudam de paragem quando diminue a pureza ou augmenta a rijeza do metal que encontram. Facilmente se comprehende quão vicioso é similhante systema, e quão pouco partido se tira das copiosas riquezas mineraes que a natureza accumulou nestes logares.

Arrancado o mineral, é transportado de diversos modos á superficie, conforme os caminhos que conduzem a esta desde as *canteras* (pedreiras, isto é, locaes da extracção); quando o transito se appresenta plano e desembaraçado a conducção faz-se em carros puxados a bois; ás costas de mulas quando ha ladeiras de grande declive; e em cestos á cabeça de trabalhadores quando é mister subir rampas em fórma de escadas.

Recebido o mineral nos *vasadores* escolhe-se e separa-se em tres classes: — 1.ª mineraes completamente puros, que rendem 60 por cento (no ensaio): — 2.ª mineraes mesclados com alguma argila amarella e branca, que dão 50 por cento: — 3.ª ditos impuros ou refractarios, demasiado argilosos ou quartzosos, que não se prestam a ser beneficiados nas forjas, e são por isso refugados.

As minas de Sommorrostro são lavradas pelos naturaes do paiz, que ganham o jornal de seis reales. O transporte dalli a Puerto de Galindo, situado a distancia de tres quartos de legua sobre um pequeno afluente da ria de Bilbau, é feito em machos ou em carros: os primeiros carregam 2 a 2½ quintaes e fazem duas a tres jornadas por dia; os carros puxados por bois transportam 12 a 13 quintaes, e dão regularmente duas carradas por dia; tanto n'um como n'outro caso paga-se o carreto a rasão de um real de Hispanha por quintal de 155 libras de Castella.

Desde porto Galindo até el Desierto na mesma ria de Bilbau, onde podem carregar os navios estrangeiros vae um quarto de legua: o transporte faz-se em barcas, guiadas por um homem só, que conduzem cem quintaes a rasão de seis maravedis por quintal.

As minas de Sommorrostro que com as de Barentim e Puente Nuevo alimentam quasi exclusivamente as forjas das provincias vascongadas e em parte as de Navarra e Asturias produziram nos fins do seculo passado perto de 800:000 quintaes castelhanos de ferro forjado. Actualmente só produzem 600:000 por causa da diminuição do numero das forjas, produzida pela escacez de combustivel vegetal.

Do que precede vemos: 1.º que a extracção actual das minas de Sommorrostro, calculada pelas necessidades das forjas do paiz, é quasi insignificante em relação á sua importancia e ao muito que poderiam produzir sem receio de que se esgotassem em mui extenso periodo: 2.º que o methodo até agora seguido sujeita a gastos avultados a lavra do pouco mineral que se extrahe, deixando perder quantidades consideraveis de mineral precioso. Quão differente seria a situação destas minas se fossem aproveitadas as importantes quantidades de mineral refugadas depois da extracção, e as porções ainda mais consideraveis que não são exploradas!

Se os trabalhos chegassem a estabelecer-se indistinctamente em toda a massa metallifera, poderiam conformar-se a um systema de ordem, regularidade e economia indispensaveis. Os productos em tal caso se dividiriam só em duas classes; n'uma se reuniriam os metaes puros que houvessem de reservar-se para as forjas; n'outra os mineraes mais ou menos mesclados que se destinariam para os fornos altos; deste modo se lucraria a dupla vantagem de aproveitar os que hoje se disperdiçam e de tirar maior utilidade explorando os que se abandonam.

O auctor do artigo lembra que os productos de segunda classe achariam applicação nos fornos altos das ferrarias dos departamentos francezes das Landes e do Gironda que escaçamente encontram surtimento no paiz.

A redacção accresecenta em nota, que tambem se beneficiam ao presente esses mineraes nos fornos altos das ferrarias de Sant'Anna de Boluete proximo a Bilbao, e de la Merced no valle Guriezo, provincia de Santander.

Para assegurar esta nova sahida (continua o auctor do artigo) aos productos das minas de Sommorrostro bastaria unicamente modificar o artigo da lei das alfandegas hispanholas, que prohibe a exportação dos mineraes de ferro, e fazer esta livre para os de Biscaia que não servissem para a applicação directa. Esperamos que o governo de Madrid comprehendendo os verdadeiros interesses do seu paiz acolherá de prompto a legislação, que a tal respeito lhe deverá ser feita pelo governo da França.

(Continúa.)

DA PREFERENCIA ENTRE O PEZO E MEDIDA.

618 A *Sociedade agricola de Compiègne* depois de uma discussão profunda sobre as vantagens, que poderia offerecer, na venda de grãos, a substituição do pezo á medida, se declarou contra a substituição legal e absoluta dos pezos ás medidas de capacidade; mas votou por estes dois generos de medidas nos mercados, de fórma que seja livre a qualquer escolher a maneira de venda e compra que lhe convier. Quereria, a fim de predispor o povo dos campos para o emprego definitivo das medidas de pezo:

1.º — Que fossem desde já postos á disposição do

publico nos mercados instrumentos de arrobação ou pezo:

2.º — Que a auctoridade municipal, em cada pauta dos preços dos cereaes, collocasse a par do preço do hectolitro o valor correspondente do pezo, e que esta noticia fosse publicada officialmente.

A sociedade de Compiegne (diz o *Journal de agricultura pratique*) em nosso entender apreciou claramento a questão. Não póde decidir-se de um modo absoluto a substituição da medida pelo pezo; a sua adopção depende muito dos usos das localidades no commercio dos cereaes. Onde as vendas do trigo se fazem só pela vista das amostras, e onde a verificação do pezo ou da medida tem logar nos armazens do comprador, tão facil é pezar como medir; ao contrario, nos mercados onde se appresentam os trigos, a necessidade de fazer passar o grão dos sacos dos vendedores para os saccos dos compradores traz comsigo naturalmente o uso da medida. Em Chartres, por exemplo, onde se vendem semanalmente muitos milhares de hectolitros de cereaes de toda a casta, a operação do despejo e da medição pratica-se com extrema presteza, visto que cada turma de medidores tem suas medidas e aprestos accessorios. Para lhe substituir o systema de pezo, seria mister novo material egualmente numeroso, mas muito mais caro, e em cima disso effectuar o despejo ou mudança de uns para outros saccos; quando no systema que usam vão medindo e baldeando.

Não appresentamos estas verdades praticas como absolutamente insuperaveis; mas justificam a prudencia manifestada pela Sociedade Agricola de Compiègne na resposta que deu á circular ministerial sobre o assumpto.

REMEDIO CONTRA O BICHO DAS LARANGEIRAS.

Notorias são as devastações, que o *coccus hesperidum* ou insecto destruidor das larangeiras tem feito nos frondosos pomares do archipelago dos Açôres, ameaçando aniquilar uma das mais ricas producções daquellas ilhas. Muitos remedios se tem, ha tempos, ensaiado para remover tão grave damno, mas ainda não se havia acertado com um verdadeiramente efficaz.

Grande é pois o serviço que fez o Sr. Domingos Monteiro Torres, publicando a receita de que usa ha seis mezes para salvar do estrago os seus laranjaes. Apressamo-nos, por tanto, a reproduzi-la.

Receita.

619 De cal de pedra. . . . . meio alqueire.
De sebo de vaca puro. . . dois arrateis.

Logo que a pedra de cal começa a dissolver-se ou a fundir-se e o sebo que deve estar colocado convenientemente, tambem pelo desenvolvimento do gaz, devem mexer-se as duas substancias até que se effectue perfeitamente a combinação: junta-se-lhe depois tanta agua fria quanta baste para que o liquido fique na côr e espessura do leite.

APPLICAÇÃO E RESULTADO FELIZ.

Applica-se com o pincel de caiador aos troncos da larangeira inficcionados do coccus. — No fim de 24 horas o coccus e o musgo ou plantas parasitas achamse completamente em destruição. Passados os dias que o proprietario quizer póde ou simplesmente esfregar com uma escova de piaçaba, ou lavar os mesmos troncos da arvore. — A laranjeira fica tão agradecida ao tractamento sobredito que não larga uma só folha, e na quadra propria de arrebentação, ella brota se é possivel, com maior viço que no tempo do seu melhor estado de saude.

Ahi fica impressa e publicada a nossa receita; a experiencia de seis mezes tem-nos convencido de que ella é preciosa: pelo nosso proposito e trabalho não ambicionamos nem premio nem louvor; o nosso unico desejo é que ella desde já seja adoptada, e posta em pratica, a fim de que quando a causa de todo se não extinga seja ao menos o mal tão diminuto que quasi se não sinta. Na primeira proxima occasião diremos como e quando se ha de applicar o remedio aos ramos da larangeira.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO XVI.

Confissões.

Carta de Mauricio a Magdalena.

620 Á hora em que lerdes estas linhas já eu terei deixado de pertencer ao numero dos vivos. Não vos offendam então as minhas palavras. É licito ao que já transpoz os umbraes mysteriosos da morte, despedir-se da unica affeição santa, e verdadeira, que pôde sentir sobre a terra.

Quem não ha de abençoar a luz do relampago, que salvou o viandante dos tremendos precipicios, que lhe escondiam as trevas da noite, e o desferido embater da tempestade?

Palpita-nos o coração de orgulho, quando nos parece que se nos accendeu na cabeça um raio de intelligencia, e de inspiração: mas esse goso póde ser acaso comparavel ao que se apodera da alma, quando o amor a illumina, quando o affecto a exalta, quando se sente superior aos phenomenos da natureza, e aos acasos da creação?

Amar uma hora, um instante, eis o unico

segredo do céu confiado ás duvidas, e ás paixões da terra. Amar, é comprehender a Deus, e elevarmo-nos até á infinita magestade da sua omnipotencia.

Todos quantos tentam sair desta esphera providencial, traçada pelo Creador á creatura, não tem no fim da sua carreira senão decepções amargas, e duvidas cruentas. A sciencia, a gloria, a riqueza, tudo é mentira. Para as organisações que deliram a soletrar o verbo intimo desta vasta serie, não ha senão uma quadra na existencia, em que tudo é crença, esperança, e fé. Talvez haja então o presentimento da immortalidade. Talvez seja esse o unico raio do infinito, que Deus concede a estes ambiciosos vermes, que se chamam homens.

Já lestes o Fausto? Vêde ahi a imagem da sciencia desolada, da duvida eterna, do desejo insaciavel: e não é nem nos livros, nem nas experiencias do laboratorio, nem na comtemplação dos astros, nem no exame da historia, nem na interrogação dos monumentos, nem na decifração laboriosa de linguas estranhas, que elle repousa um momento, no deserto illimitado da sua esperança: é nos beijos innocentes, é nas caricias affectuosas de uma pobre creança, singela, timida, que não pede á terra, mais do que um peito, aonde se abrigue o seu amor, que não pede ao céu, mais do que o que lhe ensinam as orações, que ella aprendeu de cór, ajoelhando aos pés de sua mãe.

E a cabeça calva do sabio, aquella cabeça devastada pelo estudo, descança anciosa no seio virginal de Margarida!

Porque não haveis de chorar então o ente, que nunca pôde apertar, junto ao coração, outro coração que o entendesse? Porque não haveis de dar um pensamento de piedade áquelle que sentiu o amor, e que viu fugir-lhe o altar, aonde o offerecesse á natureza, e a Deus?

Que consumido, não pela acção mas pelo pensamento, que antevendo, pela experiencia alheia, o nada das vaidades humanas, o vacuo que succede ás arduas explorações da sciencia, ás loucas aspirações da gloria, aos torpes gozos da riqueza, reuniu a vida n'um affecto, poz a esperança n'uma mulher, lançou-lhe aos pés todos os sonhos da sua imaginação, todos os desejos da sua alma, todo o phrenesi das diversas paixões, que são os elementos desta triste canção, de orgulhosos hymnos, e de elegias deploraveis, que se chama historia?

É que o meu amor, não nascia, como a aurora, alegre e bemfaseja, fazendo esperar os raios esplendidos do sol. Era como o crepusculo da tarde, que se desvanece depois nas sombras enluctadas da noite.

O desespero levava-me aonde os outros são condusidos pela esperança. Eu não vinha da terra, viçosa de flores, e perfumada de brisas maviosas, caminhava de campos aridos, e devastados, cobertos de neve endurecida, e já fulminada pelos vestigios do raio.

E é por isso que o meu amor era mais energico e impetuoso. Era o solemne adeus, o derradeiro, a esta ancia infatigavel de adoração que me ardia dentro da alma.

Oh! acreditae-me, é bem triste o renegar para sempre da felicidade! O sentir no peito o fogo do sentimento, e não poder communical-o a ninguem! O conhecer que a morte caminha para nós e transforma pouco e pouco os hymnos do coração, em eccos funebres e desolados!

Sabeis o que é um homem achar a saciedade e o desgosto nas distracções a que o mundo o convida? Sentir os olhos orvalhados de lagrimas, e não poder confiar nem ao céu, nem aos homens os mysterios da sua dôr?

Quantas vezes passei horas inteiras olhando as janellas do vosso quarto, e vi passar a vossa sombra por entre os vidros? Quando *Jocelyn* vê *Laurence* respirar a brisa da noite, e fictar distraida os olhos no céu, ouve dahi a pouco aquella voz querida repetir uma aria, que elles haviam cantado juntos, na montanha *das aguias*.

Embora elle se retirasse da cidade com a morte no rosto, e o desespero no coração. Ella não o havia esquecido, lembrava-se delle, amava-o no tumulto das festas, na opulencia dos bailes, tinha a sua imagem impressa, mesmo quando se entregava ás caricias dos seus amantes.

E eu bem conhecia que o meu nome nunca vos vinha morrer á flôr dos labios: que talvez ouvisseis indifferente as calumnias vertidas sobre mim, que nem mesmo podieis crêr que ao sceptico atrozmente ironico, que ao libertino, que passava as noites nas orgias, que ao poeta blasphemando das delicias da vida, e das crenças da religião e da immortalidade, Deus houvesse concedido a sensibilidade que encanta, e a paixão que endoidece!

Esta idéa era horrivel. Embora a sociedade inteira me votasse um odio implacavel, eu queria saber-me absolvido aos olhos daquella, que me

podia reconciliar com as amargas realidades da vida.

Que podia eu fazer? Rehabilitar-me perante o mundo, para me rehabilitar na vossa imaginação? Oh! é que eu pagava esse odio todo com o despreso. É que é necessario ter sido baptisado pela miseria, para conhecer em que abysmo de infamia se revolve essa sociedade servil, descuidosa, corrupta e indifferente!

Callam-se-lhe os latidos com alguns punhados de oiro: convertem-se-lhe as censuras em acclamações, apenas se communga com ella, n'alguns desses elogios banaes, com que persegue os poderosos da terra.

Merecieis esta homenagem: e todavia, o meu orgulho não m'a consentia.

Eu estudei-a de mais para a não considerar abaixo da indignação.

Prostituiu tudo: — ella: desde a instituição do casamento até ao dogma da propriedade.

Esta sociedade licenciosa e sacrilega ajoelha nos templos, faz dissertações de moral nos salões, e ri-se da sua propria hypocrisia, quando pouco depois satisfaz os impetos devoradores do vicio, ou deixa morrer de fome á porta do palacio o seu irmão vergado pela dôr, e pela miseria. Esses ladrões publicos prostram-se perante a dignidade moral do trabalho: esses adulteros, e essas mulheres perdidas estremecem de terror se um auctor sincero ousa atacar os laços do matrimonio.

Já vi faces crestadas pela devassidão, pudicamente cobertas ao ouvirem fallar na *Lélia* de George Sand. Oiço todos os dias os especuladores das revoluções amaldiçoarem a mãe que os enriqueceu, e cobrirem de epithetos affrontosos aquelles que tentam emancipar-se, e de cujo seio elles sairam! Não! eu não podia beijar as chagas desta sociedade gangrenada!

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

D. CLAROS.

Romance.

(Continuado de pag. 450.)

CANÇÃO QUARTA.

I

621 Como stá mudada a infanta
Do seu natural folgar,
Ella que anda a trebelhar
Desde que o sol se alevanta,
Hoje triste, nem n'a encanta
A tarde que amena expira,
Nem no seu prado admira
As gentis variadas flores
Que tão zelosa cuidava.
Que terá? — que as damas bellas
Que um momento não deixava,
Foge agora á vista dellas.
Esses olhos tentadores
De que ha pouco reflectia
Toda a graça provocante,
Que na ardente Andaluzia
De um olhar bello resplende,
Descaidos, magoados,
A luz viva que os accende
Como de pranto afogada,
Apenas tenue derrama
Languida, e sumida chama.

II

Viu-a el-rei, e aos disvellados
Olhos em que amor paterno
Tão do fundo da alma brilha,
Não lhes foge a dôr da filha.
Corre a ella, um beijo terno
Sobre a alva frente lhe imprime,
Mas o rosto della exprime,
Outro sentimento agora,
Estremece, turba, córa
E ao pae que lhe diz: — « ainda
« Não te vi, Branca adorada,
« Tão cruelmente mudada, »
— Não responde a filha linda.

III

É manhã, na praça armado
O patibulo se alevanta,
Onde o Conde degolado
Deve ser, porque attentára
Contra a pureza da infanta,
Que a el-rei seu pae se queixára.
« Flôr como aquella, fadada
« Para ser rainha, e senhora,
« Cuidar o bom Conde agora
« Que lhe andava á sua lei. . . .
— Este era o pensar do povo,
Outro era o pensar do rei.

Com tanto zelo cuidada
Vira vecejar a flôr,
Vecejou, — abotoada,
Mas feita, e desabroxada
Só lha alimentava amor.

Era amor quem lhe roubára
Todo o aroma que era seu,
Mas a *flôr* não se *queixára*,
Como o bom *povo cuidára*,
Tomou alma, e reviveu.

IV

Todos veem de olhar magoado
Ir o Conde a degollar,
Mas aos pés d'el-rei irado,
O perdão do condemnado
Ninguem se atreve a rogar.

Firme, e altivo o cavalleiro
A punição escutou;
Depois, o adeus derradeiro
Disse aos seus, e sobranceiro
Para o patibulo marchou.

Mal dera os primeiros passos,
Que um grito de dôr partiu
Do interior dos vastos paços;
Correndo a infanta nos braços
Do cavalleiro caíu.

CANÇÃO QUINTA.

I

Alvorece, — a madrugada
Vem risonha despontando,
Toda a cidade accordada
Nas praças alvoroçada,
Se anda ligeira ajuntando.

« Vae casar-se a nobre infanta
« Com D. Claros, cavalleiro,
« Nome illustre, audaz guerreiro:
— Diz o povo celebrando
O Monarcha que escolhia,
Para a filha moça e linda,
Que tão bem na merecia.

II

Foi o caso, que el-rei vendo
Que a flor se lhe desbotava
Sem ar livre, foi cedendo,
E em livre prado a deixava.

Nesse dia em que ordenára
Que D. Claros perecesse,
Veio a infanta, e lhe rogára
Que o perdão lhe concedesse.

Perdão, perdão implorava,
E nem intante perdida,
Em voz alta revelava
Que era aquella a sua vida.

Que era amor, louco e ardente
Que por D. Claros sentia;
Que era amor, amor somente,
A pobre infanta dizia.

Vão-se agora a cuidar flores
Que ao ar livre reverdecem,
Que só tem ahí vida, e cores
Entre estufas que as fenecem.

III

Eil-a nos paços cercada
Da brilhante comitiva,
Dize, rei, mais encantada
Já viste essa frente altiva.

Quando foi ella tão linda
Flor, mais flor que nesta hora,
Em botão timido ainda,
Ou já *rosa*, *rosa* agora?!

26 de Junho de 1850 — Ajuda.

R. A. DE BULHÃO PATO.

NOTICIAS E COMMERCIO.

CHEGADA.

622 Chegou a esta cidade o Sr. Antonio Feliciano de Castilho.

Foi mister a febre amarella — para que mais um talento, e dos maiores de Portugal, não fosse mendigar ao Brazil o sustento de uma familia.

Felizmente está entre nós.

Seria uma bella e grande acção — o achar o Governo meio de socegar os ultimos annos de uma vida tão gloriosa para a historia das lettras patrias.

CADEIA DE PONTA DELGADA.

Percorrendo os jornaes das ilhas de data mais moderna, que chegaram á nossa mão, lemos no *Açoriano* um artigo, pequeno na extensão mas sobre assumpto tão ponderoso, que, por bem da humanidade, cumpre excitar a este respeito a attenção do governo.

« Ponta Delgada 29 de Junho. »

623 Não são poucas as vezes que temos fallado no lamentavel e vergonhoso estado em que se acha a cadeia publica desta cidade. Parece incrivel como possam viver algumas dezenas de prezos n'uma casa tão má para o fim a que é destinada, não só por lhe faltar a conveniente ventilação tão necessaria á vida, mas tambem pela inconveniencia do local, que é, como se vê, no centro da povoação.

Ha muito que a imprensa periodica da terra tem clamado alto e bom som por efficazes providencias tendentes a remediar tamanho mal; mas infelizmente as nossas justas rogativas, não só sobre este objecto, mas sobre muitos outros de publica utilidade, hão sido injustissimamente desprezadas por quem, ainda que lá ao longe, as devia ouvir, e attender. Pondo porém de parte este justo e geral resentimento que se observa em todos os michaelenses, parece-nos que alguma medida se tomará agora relativamente ao objecto referido — o pessimo estado de cadeia, por isso que no dia 26 do actual SS. Ex.as o Governador Civil, e Presidente da Relação, visitaram as prisões; e ouvimos que se ía lançar mão do seguinte meio: — promover-se uma subscripção pelos habitantes de Ponta Delgada, para com o seu producto se proceder á construcção de uma nova cadeia em sitio mais proprio e conveniente.

Se isto assim é, parece que se deve esperar bom resultado, attendendo a que a despeza da obra não sahirá dos cofres publicos, mas sim das algibeiras de quem mostrar interesse pelo bem commum.

A EPIDEMIA NO BRASIL.

624 Felizmente consta pelas ultimas noticias recebidas do Brasil, que os assoladores estragos da febre amarella tocavam o periodo final. Na Bahia, onde começára, e em Pernambuco havia cessado, e na capital do imperio parece que desapparecêra já o terrivel flagello a ponto de recolherem as pessoas, que imitando a real familia, se tinham refugiado em Petropolis. A falta de dados estatisticos nos jornaes brazileiros não permitte computar exactamente o numero dos enfermos, e o dos que se curaram e dos que falleceram.

Por um paquete inglez chegado do Rio a Falmouth já no corrente mez sabemos que o numero dos obitos elevava-se a 14,000 dos habitantes, 120 dos inglezes residentes e 150 de inglezes maritimos e adventicios. Das tripulações de outras nações não se faz menção. No Pará ainda reinava a epidemia, posto que se diga que desde o principio da invasão eram mui poucos os fallecimentos comparativamente á grandissima quantidade de pessoas atacadas, que orçava pelas tres quartas partes da população.

Não obstante o favoravel aspecto que vai tomando o estado sanitario do Brasil, não julgaremos inopportunas ou desnecessarias as cautelas que as auctoridades competentes empregarem ainda a respeito dos navios procedentes daquelle imperio. E por isso vimos com magoa as queixas do *Angrense* de 6 de Junho preterito pela admissão, sem nenhum escrupulo, da barca *Maria Segunda*, vinda do Rio de Janeiro com escala por Pernambuco, á qual foi permittida fundear em Angra do Heroismo, trazendo a bordo 54 passageiros, tres dos quaes morreram na viagem. — A saude dos póvos é dos objectos mais especialmente encarregados á sollicitude dos governos, que devem incançaveis vigiar o cumprimento dos deveres de seus delegados em tão importante e melindroso ramo. Não pertendemos irrogar censura a certas e determinadas pessoas, e folgariamos saber que as queixas do *Angrense* procederam mais de receios, aliás justos, do que de factos que impliquem incuria e desleixo das auctoridades ou manifesta infracção dos regulamentos sanitarios.

ANNUNCIO NOTAVEL.

Ao publico e especialmente ao commercio.

625 Sendo eu actualmente o unico empregado competentemente habilitado para o processo do protesto de lettras mercantis nesta cidade, como escrivão do tribunal de primeira instancia commercial creado na mesma cidade; e servindo além disso o emprego de escrivão do juizo de direito desta comarca, emprego este, que não poucas vezes me fórça a sahir fóra do cartorio, e mesmo da cidade; *acho conveniente prevenir a quem interessar, que, quando haja alguma lettra a protestar, e que o deva ser infallivelmente no dia de seu vencimento, me antecipem alguns dias antes*, para que combinados os meus affazeres eu possa satisfazer em tempo, e sem prejuizo das partes.

Ponta Delgada, 20 de Junho de 1850.

Christiano Medeiros Frazão.

HONRA Á MEMORIA D'UM SABIO.

626 « Ha um seculo que nasceu Abraham Gottob Werner, cuja fama se espalhou por todo o mundo. Freyberg foi o centro da sua actividade, a mineralogia o objecto principal dos seus estudos.

Um seculo é um periodo curto na historia do globo; mas este seculo é grande na historia das sciencias dedicadas ao estudo da terra. Tambem Freyberg teve sua parte nos progressos destas sciencias; e os discipulos de Werner são chamados a todos os pontos do mundo para em seu nome consultarem a naturesa. Ainda depois da morte deste sabio não cessou Freyberg de persistir nos seus esforços, continuando a ser o centro do mundo mineralogico. Não é pois de admirar que esta cidade, recordando-se do seu Verner queira solemnisar, aos 25 de Setembro do corrente anno, o centesimo anniversario do seu nascimento. »

Por estas palavras começa a circular, expedida em Fevereiro aos naturalistas, que se dedicam á mineralogia e aos estudos de mineração, pela commissão instaurada para dirigir as festas que na épocha indicada hão de celebrar-se em memoria do distincto professor Werner.

No mesmo documento se declara que os convidados que desejarem visitar as collecções e gabinetes da eschóla de Freyberg, bem como as minas e estabelecimentos metallurgicos, acharão depois das festas guias e toda a facilidade para cumprirem seu dezejo.

CHOLERA ASIATICA.

627 Parece (com a devida venia dos competentes na materia) que esta enfermidade tende a aclimatar-se na Europa central e regiões do norte: por quanto são repetidas as erupções, como de volcão não de todo extincto, que de tempos a tempos nos referem as gazetas. Dizem as mais recentes que a cholera morbus se manifestára de novo em Vienna de Austria, causando graves apprehensões; n'outros pontos de Alemanha ainda não se desvaneceu completamente.

Por outra parte consta que os navios sahidos de Malta eram mettidos em quarentena em varios portos do Mediterraneo, como Civita-Vecchia, Leorne, Napoles. É verdade que as cartas daquella ilha, mencionadas nas folhas de Londres que trouxe o paquete ultimo, não são muito assustadoras. Apenas no decurso de dez dias appareceram cinco ou seis casos de cholera; e talvez que fossem outras molestias de symptomas analogos.

Tunes ainda não se vê livre deste flagello, de que foi acommettida ha mezes; quem mais tem padecido é a população hebraica; dentro em pouco não haverá um negociante de tamaras ou de marroquins na regencia tunesina; os que sobrevivem desertam para as costas de Hispanha e outras paragens.

EFFEITOS DO CHLOROFORMIO.

Um jornal de Nova-York refere os seguintes factos:

628 «N'uma das juntas recentemento celebradas pela Sociedade Medica de Westminster, o doutor John Webster fez menção de tres casos de loucura, que chegaram ao seu conhecimento, occasionados pelo uso do chloroformio para facilitar o parto. N'um dos casos, a paciente, a quem fôra ministrada o chloroformio no momento de dar á luz a creança, permaneceu por tres dias n'um estado de tonteira, que breve degenerou em loucura a ponto de ser necessario encerral-a por se tornar perigosa. Passado um anno de encerro n'um hospital de alienados volveu ao gozo cabal de sua perdida razão. O segundo facto acontecido por egual causa foi de maior duração, e a pessoa atacada de loucura falleceu antes de curada. Por ultimo, a terceira esteve por muito tempo sem conciliar o somno, e sempre sobresaltada com a idéa de que via diante de si outra pessoa armada de punhal ameaçando assassinal-a: tres semanas depois de haver tomado o chloroformio, perdeu de todo o juizo, ria-se a cada passo, e manifestava uma inclinação mui pronunciada para cantar: por espaço de cinco mezes as suas acções em nada se differençavam das que pratica uma creança tonta e travessa.»

SOCIEDADES DE MUTUO AUXILIO.

629 Em Inglaterra as sociedades de soccorros mutuos dadas ao manifesto *(friendly societies)* são em numero de 14,000, e reunem um milhão e seiscentos mil individuos; possuem um rendimento annual de 70 milhões, e um capital accumulado de 160 milhões. O numero de sociedades não inscriptas no registo publico é ainda mais consideravel. A *União* de Manchester não conta menos de 4,000 associações filiaes comprehendendo 240,000 membros e gozando de um rendimento de dez milhões. Além disso, ha os *druidas*, os *rechabitas*, os *amigos velhos*, etc. Em summa, o numero total destas associações nos tres reinos unidos sóbe a 33,223 que contém nada menos de tres milhões e cincoenta e dois mil individuos, que vem a ser metade da população varonil e adulta da Grã-Bretanha.

O rendimento desta vasta confederação das classes laboriosas é de 125 milhões, e o seu capital accumulado de 280 milhões. Deste fundo se proveem as necessidades dos associados quando ha suspensão de trabalho.

PESCA DE AMBAR.

630 Escrevem de Stettin (Prussia) aos 19 do precedente Junho. «—Nunca foi tão abundante aqui a pesca do ambar amarello, como nesta ultima primavera. Os pedaços que se colheram desta substancia, eram de extraordinaria grandeza e de mui formosa côr, e venderam-se muito caros. As populações inteiras de varias aldeias abandonaram seus trabalhos agricolas para se dedicarem á pesca do ambar, que lhes ministrava lucros incomparavelmente maiores. A maior parte do producto da ultima pesca do ambar amarello foi comprada para Inglaterra.

MINAS DE OIRO.

631 Um jornal da California, *Pacific-New*, menciona um descobrimento, que sendo certo eclipsaria os thesouros que até agora se tem desencantado naquelle el Dorado. Trata-se nada menos que de uma grande montanha composta inteiramente de rochas de oiro e prata. Esta maravilha jaz na cordilheira de Sierra-Nevada, a 230 milhas de Pueblo na direcção de nordeste; foi descoberta por uma caravana de emigrados; mas a região em que é situada de tal modo é insalubre e inhabitavel, que de 200 pessoas que compunham a cafila, tão sómente 50 se arriscaram a ficar para a tentativa da exploração de tão prodigiosas riquezas.

ARVORES NAS ESTRADAS.

632 O ministro das obras publicas em França mandou estudar recentemente a questão relativa ao meio de utilisar as parcellas de terreno que podem, sem inconveniente da circulação, subtrahir-se das estradas nacionaes. A primeira lembrança fôra vende-las; mas abandonaram-na em rasão de que para a venda seria necessario fazer antes muitas obras. Reconheceu-se que a melhor maneira de aproveitar o excedente da largura das estradas consiste em preparal-o para o serviço dos viajantes pedestres, e sobretudo plantar-lhe arvores. Effectivamente as plantações melhoram o transito, mantendo certa humidade que facilita a aggregação dos materiaes e diminue a poeira. No estio dão sombra, e de inverno abrigam contra as intemperies da estação. Além disso são susceptiveis de producção, que os cantoneiros podem vigiar. Consequentemente, determinou-se que á beira das estradas se plantassem de cada lado uma ou duas fileiras de arvores, conforme o espaço, as quaes guarnecerão as banquetas que formam passeio para a gente de pé. Vão praticar-se estes trabalhos na proporção dos recursos applicados á conservação das estradas.

SOLDADO MACRÓBIO.

633 Aos 21 do mez proximo preterito foi admittido no Hospicio dos Invalidos em Paris um soldado, natural de Ostrowa na Polonia, por nome João Kolombeski, que actualmente conta 120 annos tendo nascido no 1.º de março de 1730. Entrou no serviço da França em 1774 como voluntario no regimento de infanteria de Bourbon na idade de 44 annos. Nomeado cabo de esquadra em 1790 fez todas as campanhas da revolução e do imperio em diversos corpos de infanteria. Foi ferido em 1814 e em outubro do mesmo anno foi admittido na 1.ª companhia de officiaes inferiores aposentados, e em 1846 na 5.ª de ditos veteranos. Sendo ha pouco supprimidas as tres ultimas destas companhias recebeu uma pensão de reforma e entrou para os invalidos.

Kolombeski conta 75 annos e meio de serviço e fez 29 campanhas: gosa de boa saude é de excellente organisação physica e assas robusto, na apparencia não mostra mais de 70 a 80 annos bem conservados.

Ainda montava guarda e fazia o mesmo serviço que seus camaradas na 5.ª companhia já referida, estacionada em Dreux, quando alli passou o rei Luiz Philippe, que lhe poz ao peito a propria condecoração que levava. É o mais pasmoso exemplo de longevidade que talvez se tenha visto na tropa.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 17 de Julho.

634 Fundos publicos de 5 por cento, 48 a 49. — Acções do Banco de Portugal, 375$000 rs. — Desconto de Notas 220 a 240.

Estado do mercado em 17 de julho.

Algodão de Pernambuco 120 a 125 rs. — Dito do Maranhão 115 a 120 rs. — Dito da Bahia 115 a 120 rs. — Pará 105 a 110 rs. — Não tem havido vendas.

Assucar de Pernambuco B. novo 1$450 a 1$600 rs., dito velho 1$300 a 1$450 rs., — Do Rio dito ha falta. — Da Bahia dito 1$300 a 1$450 rs. — Das Alagôas dito 1$250 a 1$300 rs. — Do Pará, bruto 950 a 1$050 rs. — Mascavado novo 1$150 a 1$200 rs., dito velho 950 a 1$050 rs. — Continúa frouxo o mercado, limitando-se as vendas para o consumo. Acham-se de quarentena as seguintes cargas, vindas de Pernambuco; a saber: 7:630 sacos, 1:122 barricas, e 102 caixas. Da Bahia descarregaram: 307 caixas, 15 barricas, 11 feixes e 70 sacos.

Cacáu 1$650 a 1$700 rs. — Chegaram umas 349 sacas: — preços nominaes.

Caffé do Rio. — 1.ª sorte, não ha. — 2.ª dita 2$700 a 2$800 rs. — 3.ª dita 2$200 a 2$300 rs. — Houve uma pequena venda para reexportar.

Cêra de Angola B. 255 a 260 rs. — Dita a A. 240 a 245 rs. — Não nos consta que houvesse vendas: — preços nominaes.

Marfim de lei 1$050 a 1$200 rs. — Dito meão 850 a 900 rs. — Dito escravelho 550 a 750 rs. — Poucas vendas. Ultimamente chegaram umas 550 pontas.

Urzella 6$900 a 6$950 rs. — Não nos consta que houvesse vendas..

BIBLIOGRAPHIA.

365 BIBLIOGRAPHIA HISTORICA PORTUGUEZA, ou Cathalogo Methodico dos Auctores Portuguezes, e de alguns Estrangeiros domiciliados em Portugal, que trataram da Historia Civil, Politica, e Ecclesiastica destes reinos e seus dominios, e das nações ultramarinas, e cujas obras correm impressas em vulgar; onde tambem se apontam muitos documentos e escriptos anonymos que lhes dizem respeito. Por *Jorge Cesar de Figaniere*.

Sairam as folhas 6.ª e 7.ª, contendo 16 paginas de impressão. Preço para os Srs. Subscriptores 50 réis.

Assigna-se em Lisboa, no escriptorio da REVISTA; rua dos Fanqueiros n.º 82, e nas lojas do Sr. João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.º 8, e Antonio Maria Pereira, na mesma rua n.º 188; no Porto, em Casa do Sr. Moré, Praça de D. Pedro; em Coimbra, na do Sr. J. Orcel, rua das Tangas.